

## **INDUSTRIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO E BRUTALISMO NA OBRA DE JOÃO FILGUEIRAS LIMA, LELE**

Adalberto José Vilela Júnior

Arquiteto, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UnB

SQS 408 Bloco B apt 202

70257-020 Brasília-DF, Brasil

[adalberto.vilela@me.com](mailto:adalberto.vilela@me.com)

## RESUMO

Não há como falar na trajetória profissional de Lelé sem mencionar Brasília. Assim como não há como separar trabalho da vida de um arquiteto que se iniciou em um canteiro de obras e dele fez seu grande laboratório de experimentações. Em 1957, João Filgueiras Lima – Lelé, como é mais conhecido, se coloca à disposição da direção do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários (IAPB) no Rio, onde trabalhava como desenhista, para integrar a equipe que iria construir a Superquadra 108 Sul em Brasília, projeto de Oscar Niemeyer.

A partir da estreita colaboração com Niemeyer em projetos de grande porte e cuja estética brutalista marcaria a arquitetura do período de implantação da Universidade de Brasília, como o Instituto de Teologia (1962-1964) e o Instituto Central de Ciências (1963-1971), Lelé desenvolve seus primeiros trabalhos autorais ali mesmo, no Campus da UnB, seguindo os preceitos do concreto armado aparente: os Galpões de Serviços Gerais (1962) e os blocos de apartamentos para professores, a chamada Colina (1963). Nesse ambiente onde necessidade e urgência eram palavras de ordem, a Universidade começou a buscar soluções que atendessem à sua demanda por novos institutos, faculdades, prédios administrativos e moradias. Assim, em 1963, Lelé, por intermédio do próprio Darcy Ribeiro, viaja para o Leste Europeu e União Soviética a fim de conhecer as novas tecnologias e métodos empregados na produção em série de prédios industrializados.

Com o advindo da ditadura em 1964 e a primeira invasão na UnB em abril daquele ano, apenas nove dias após o golpe militar, a vida profissional de Lelé, que se demite em 1965 juntamente com outros 223 professores da universidade, mudaria drasticamente. A partir de então, a falta de trabalho em razão da perseguição política dá lugar a um período de grande reflexão e inovação em seus projetos, todos concebidos dentro da linguagem brutalista da arquitetura. Surgem nesse momento: a concessionária DISBRAVE (1965), o Hospital de Taguatinga (1968) e os edifícios sede da Portobrás e Camargo Corrêa (ambos de 1974) em Brasília; e as obras do Centro Administrativo da Bahia (1973-1975), em Salvador.

Fugindo do recorte temporal estipulado, poderiam ser citados outros projetos de Lelé, inclusive alguns de maior popularidade, como é o caso do Hospital Sarah em Brasília (1976-1980), além das inúmeras creches e escolas pré-fabricadas realizadas ao longo dos anos 1980 no Rio de Janeiro e Bahia, até uma de suas últimas investidas no concreto armado antes de passar a adotar prioritariamente o aço em seus projetos: os CAICs (Centro de Apoio Integral à Criança), de 1990. Entretanto, a seleção anteriormente mencionada nos revela uma característica peculiar da arquitetura de Lelé desse período: a transição para uma maior diversidade dos componentes construtivos e maior plasticidade de alguns elementos de projeto sugerem uma maior liberdade no repertório formal do arquiteto, até então reduzido às peças isostáticas tradicionais e de grandes dimensões.

**Palavras-chave:** Industrialização. Brutalismo. Lelé.

## ABSTRACT

There is no way to talk about the professional trajectory of Lelé without mentioning Brasília. Just as there is no way to separate work from life of an architect that started his career on a construction site and made it his personal experimentation laboratory. In 1957, João Filgueiras Lima – most known as Lelé, offered himself at the Institute of Retirement and Pensions of Bank Workers (IAPB) in Rio, where he worked as a designer, to join the team that would build the Superquadra 108 South in Brasília, designed by Oscar Niemeyer.

During a period in close collaboration with Niemeyer on large projects and whose brutalist aesthetic would mark the architecture of the first years of the University of Brasília, such as the Institute of Theology (1962-1964) and the Central Institute of Sciences (1963-1971), Lelé designed at the UnB Campus his first projects following the precepts of the concrete apparent: the General Services Pavilion (1962) and the residential blocks for teachers, called Colina (1963). At that time when the need and urgency were slogans, the University began to seek solutions that meet their demand for new institutes, schools, administrative buildings and lodgments. Thus, in 1963, commanded by Darcy Ribeiro, Lelé travelled to Eastern Europe and the Soviet Union in order to learn about new technologies and methods used in the mass production of industrialized buildings.

With the arising of the dictatorship period in Brazil in 1964 and the first invasion at UnB in April of that year, just nine days after the military coup, the life of Lelé would change dramatically. He decided to resign his teacher position in 1965 along with 223 other university professors as a protest against the military authority recently installed in the power. Since then, the lack of work due to his political views turned into a period of great reflection and innovation in his projects, all designed within the language of brutalist architecture. Some examples from that period: the DISBRAVE Auto Dealers (1965), the Taguatinga Hospital (1968) and headquarters buildings of Portobrás and Camargo Corrêa (both from 1974) in Brasília, and the Bahia Administrative Center (1973-1975) in Salvador.

Fleeing the stipulated time frame, others Lelé's projects could be mentioned, including some more popular, such as the Sarah Hospital in Brasília (1976-1980), or the numerous kindergartens and prefabricated schools produced over the 1980s in Rio de Janeiro and Bahia, even one of his last works in concrete before moving to steel as primary material in his projects: the CAICs (Integral Support Centre for Children), 1990. However, the works mentioned above reveals a peculiar feature of Lelé's architecture in that period: the transition to a greater diversity of building components and greater plasticity of some design elements suggest a greater freedom in the formal repertoire of the architect, previously reduced to large isostatic traditional beams.

**Keywords:** Industrialisation. Brutalism. Lelé

## INDUSTRIALIZAÇÃO NA CONSTRUÇÃO E BRUTALISMO NA OBRA DE JOÃO FILGUEIRAS LIMA, LELÉ

No final de 1956, recém formado e aos 24 anos de idade, João Filgueiras Lima, o Lelé, se coloca à disposição da direção do IAPB (Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Bancários), onde trabalhava como desenhista, para ir para Brasília. O edital do concurso para o Plano Piloto da Nova Capital fora publicado em setembro daquele ano e a cidade, até então uma mera expectativa e com vários opositores, especialmente cariocas, se consolidava em ritmo acelerado segundo o plano de Juscelino Kubitschek de transferir a sede do governo para o interior do país.

Com o início das obras, era preciso criar habitações que contribuísse com a vinda dos servidores públicos e assegurasse o funcionamento da cidade. Segundo Lelé, a distribuição das superquadras foi definida já em Brasília pela Novacap, empresa responsável pela urbanização da cidade, sendo que cada instituto de aposentadoria, como o IAPI (dos industriários), o IAPB (dos bancários) e o IPASE (dos servidores), ficaria responsável pela construção de pelo menos duas delas, seus respectivos blocos de apartamentos e equipamentos complementares.

Assim, assumindo como oportunidade profissional única, o jovem Lelé parte para o Planalto Central com dois amigos, Ayrton Pinheiro e Jessé, e um calhamaço de desenhos entregue pelo arquiteto Nauro Esteves, referente aos projetos de Oscar Niemeyer para a primeira superquadra a ser erguida na cidade, a 108 Sul, ou na forma do endereçamento padrão de Brasília, SQS 108.



Fig. 1 – Construção da Superquadra 108 Sul | Fonte: Kim e Wesely (2010)

*Fui a primeira pessoa do IAPB que chegou lá como residente, pra ficar mesmo. Tive que assumir uma postura que nunca tinha me ocorrido, de administrador, de ter que tomar decisões. Estava lá sozinho, minha função era resolver tudo. (Menezes, 2004: 37)*

Assim, o ritmo frenético das obras e a solidão implacável do Planalto Central davam o tom dos trabalhos que avançavam noite adentro, na expectativa de cumprir o exíguo prazo de três anos e cinco meses estabelecido por Juscelino Kubitschek para a inauguração da cidade. A pressão feita sobre os arquitetos e engenheiros das obras ficava a cargo de Israel Pinheiro, mineiro de Paracatu e velho amigo de Juscelino. O engenheiro chefe da Novacap era temido por seu temperamento autoritário durante as inspeções aos canteiros de obras.

Após a passagem pelos hotéis Paraíso e Santos Dummond, ambos no Núcleo Bandeirante, àquela época “Cidade Livre”, primeiro aglomerado urbano de Brasília, Lelé e alguns colegas de trabalho se viram obrigados a se mudar para o canteiro de obras da 108 Sul, haja vista o crescimento do grupo e a quantidade de operários a serviço do IAPB. Naquele momento, a adoção de métodos racionalizados surge como reposta rápida e crucial às exigências de tempo e economia, questões vitais para sucesso do desafio empreendido pelo Presidente JK e toda sua equipe.

*[...] pela primeira vez eu senti a necessidade de trabalhar em termos de racionalização, não só para reduzir os custos, mas sobretudo para reduzir os prazos. A primeira providência que tomei foi fazer acampamentos pré-fabricados para poder implantar rapidamente os canteiros. Eu fui responsável pela montagem de todo o acampamento, e naquela época o acampamento era uma cidade. Nós tínhamos 2.000 operários que tinham que morar lá, ter refeitórios, lavanderia, todas as coisas. Então precisávamos construir uma pequena cidade que Brasília não tinha. Durante a construção da superquadra ainda não existia nenhuma experiência sobre industrialização e o desperdício de madeira era brutal para fazer o concreto. (Guimarães, 2003: 16)*

Dessa forma, percebe-se que o início do envolvimento de Lelé com a racionalização da construção se deu mais por uma questão circunstancial e de necessidade, que propriamente por uma decisão voluntária. Fica evidente que a partir da experiência de Brasília Lelé agrega ao seu perfil profissional as características do arquiteto construtor, retomando atribuições que lhe eram tradicionalmente asseguradas até meados do século XIX, quando surge a figura do engenheiro.

## **PRIMEIROS PASSOS RUMO AO BRUTALISMO PRÉ-FABRICADO: O CASO DA COLINA (1962-1965)**

O período em que Lelé esteve envolvido com a implantação da Universidade de Brasília, apesar de curto, teve um papel fundamental na complementação de sua formação e aperfeiçoamento das técnicas de racionalização ensaiadas no canteiro da 108 Sul. De 1962, data de criação da UnB, até 1965, ano em que se demite junto com outros 223 professores, Lelé avança consideravelmente no campo da pré-fabricação, realizando, nestes termos, suas primeiras obras

autorais no Campus da Universidade: os Galpões de Serviços Gerais, de 1962, e os Edifícios de Apartamentos para Professores, a chamada Colina, de 1963.



Fig. 2 – Vista geral do conjunto da Colina, UnB | Fonte: Lina Kim; Michael Wesely (2010)

*Eu fui lá como professor. Eu já fui indicado por Oscar com as seguintes funções: coordenador do curso de pós-graduação, secretário executivo do Centro de Planejamento e responsável pelo curso de técnica da construção. Eu tinha essas três incumbências. (Guimarães, 2003: 23)*

Os projetos de Lelé na UnB foram realizados no CEPLAN, o Centro de Planejamento da Universidade. Projetado por Oscar Niemeyer em 1962, o CEPLAN foi construído para subsidiar a implantação e o plano de crescimento físico da UnB, segundo as diretrizes de urbanização estabelecidas por Lucio Costa em 1961. Atualmente, o Centro ainda mantém uma estreita relação com a Faculdade de Arquitetura, atuando como extensão orientada na elaboração de projetos, onde atuam engenheiros, arquitetos e demais profissionais do quadro interno, além de alunos, arquitetos recém formados e professores da FAU.

Com o CEPLAN a todo vapor, e dentro do espírito da época de incorporação das práticas da pré-fabricação como forma de reduzir custos e acelerar o processo construtivo, a Universidade começou a buscar soluções que atendessem à sua demanda por novos institutos, faculdades, prédios administrativos e moradias. Em 1963, Lelé, por intermédio do próprio Darcy Ribeiro, viaja para o Leste Europeu e União Soviética a fim de conhecer as novas tecnologias e métodos empregados na produção em série de prédios industrializados.

Apesar das diferenças culturais, político-sociais e climáticas entre Brasília e as cidades visitadas por Lelé, o que deixa o jovem arquiteto fascinado são os aspectos relacionados à organização industrial, técnicas de protensão e cura do concreto a vapor. Embora à época não pudessem ser

incorporadas à nossa realidade, essas técnicas empregadas em cidades do interior da então Checoslováquia serviram como exemplo para resolução de uma série de problemas ligados à fabricação dos componentes construtivos em larga escala no Brasil.

Evidentemente que neste momento a técnica da pré-fabricação, bastante incipiente no país e dando seus primeiros passos ali mesmo na Universidade de Brasília, não poderia dispor de uma liberdade plástica de componentes tal como conhecemos hoje. Entretanto, ao observarmos os projetos realizados por Niemeyer nesta fase da pré-fabricação, nota-se a presença constante de alguns elementos, geralmente moldados in loco e colocados em destaque na composição, que interrompem a rigidez da modulação estabelecida pelo sistema construtivo, conferindo um certo contraste entre as partes. É o caso da Igreja do Instituto de Teologia com suas paredes em planta livre, das janelas do protótipo para habitação estudantil ou das edificações complementares ao conjunto do Instituto Central de Ciências.

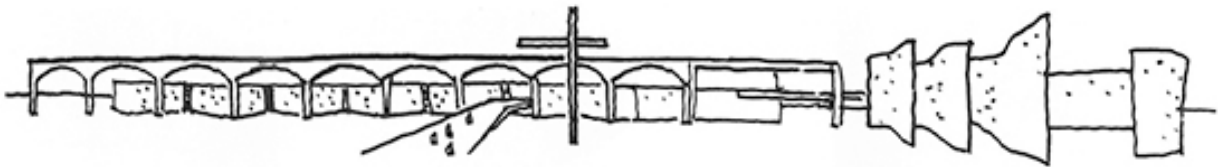


Fig. 3 – Instituto de Teologia UnB, croqui Oscar Niemeyer | Fonte: Módulo n. 89/90 (1986)

Por outro lado, as obras de Lelé nesses primeiros anos na Universidade, apesar de bem resolvidas tecnicamente, ainda se mostram contidas no arcabouço estrutural que as define. A adoção da volumetria simplificada dessa fase será completamente revista nos anos subsequentes, quando passará a adotar, ainda no esforço da industrialização, grandes balanços, curvas e movimento nas coberturas de seus projetos. Sobre este assunto, Lelé esclarece que [...] *a adoção do partido arquitetônico retangular decorreu da incorporação de elementos de concreto armado pouco diversificados e com desenho sem muito rebuscamento, os quais foram arrumados em função do esquema tradicional de pilares e vigas da arquitetura em madeira, feitas com peças isostáticas.* (Guimarães, 2003: 45).

O projeto dos quatro blocos de apartamentos para professores da UnB, conjunto conhecido como Colina, foi realizado por Lelé em 1963 e seguiu os mesmos princípios de racionalização empregada nos principais prédios da Universidade. A exemplo das peças utilizadas no ICC, cujo detalhamento esteve à cargo de Lelé, a pré-moldagem dos prédios da Colina se fez por meio de grandes elementos.

Localizados no extremo norte do Campus, conforme zoneamento previsto no plano urbanístico de Lucio Costa, as residências para professores foram propostas para serem construídas em etapas, em virtude de alguns aprimoramentos de ordem técnica, construtiva e espacial incorporados ao

projeto. O objetivo era garantir a desejada flexibilização dos espaços internos atendendo às mais variadas composições familiares dos futuros moradores. A rigidez do conjunto arquitetônico não poderia se refletir em suas unidades. Partindo dessa premissa, além dos fechamentos em placas de concreto pré-moldadas, optou-se pelo uso de divisórias removíveis que se adaptassem facilmente às necessidades de cada família, fugindo, em princípio, do estigma da planta rígida. Os apartamentos variam em área segundo três tipos: I, com 144 m<sup>2</sup>, II, com 108 m<sup>2</sup>, e III, com 84 m<sup>2</sup>.

*O sistema construtivo adotado utiliza os conjuntos de circulação vertical, fundidos no local, como elementos de contraventamento e rigidez da construção. Esses elementos suportam as estruturas pré-moldadas, que constam de vigas de seção “U” protendidas de 13 toneladas, formando conjuntos rotulados tipo “Gerber” com vãos de 13 e 15 metros. Neles se apoiam as lajes nervuradas, também protendidas, que constituem os pisos dos apartamentos. As vigas “U”, nos extremos do bloco, são fixadas nos pilares por pinos de aço. (Latorraca: 1999, 36)*



Fig. 4 – Prédios da Colina em construção | Fonte: Giancarlo Latorraca (1999)

O painel de fachada em cobogó resgata um elemento de origem árabe, aclimatado no país durante o período colonial, e, mais tarde, amplamente utilizado na arquitetura moderna brasileira. Não se trata aqui de uma referência direta de Lelé à nossa tradição colonial, apesar de relatos onde, segundo Gabriella Lima, *o arquiteto passou uma tarde discutindo sobre o projeto com Lucio Costa* (Guimarães: 2003, 50)

É mais provável que a referência do grande painel em cobogó na fachada oeste da Colina tenha vindo dos blocos da 108 Sul, a Superquadra projetada por Niemeyer seis anos antes, na qual Lelé iniciou seus trabalhos em Brasília. Cabe ressaltar que, em vários blocos de apartamentos da



cidade, especialmente na Asa Sul, este modelo de fechamento encontrado nas fachadas voltadas para a circulação e/ou serviços foi bastante difundido, transformando-se num elemento de identidade, inclusive cultural, para os moradores da Capital.



Fig. 5 – Fachada Oeste Colina | Fonte: arquivo do autor (2013)

Os esforços de Lelé no tocante ao emprego de elementos pré-fabricados na Universidade indicam uma prática que se desenvolverá ao longo de sua carreira, justificada pela ampla utilização, agilidade de distribuição e montagem, além do fator econômico. O emprego dessas soluções em uma escala maior, poderia, por exemplo, minimizar a grande deficiência por habitação e outros equipamentos urbanos tão urgentes à maioria das cidades brasileiras. Segundo Koury:

*[...] ao aderir ao esforço de racionalização do processo de produção empreendido por alguns arquitetos contemporâneos, e, considerando as propostas de produção em larga escala realizadas para enfrentar a intensa urbanização brasileira nos anos 60, Lelé evidencia, através de suas iniciativas, uma nítida incompatibilidade entre prática e projeto.*  
(Koury: 2005, 15)

Sobre as deficiências da indústria da construção civil no Brasil, Lelé assim comentou:

*A indústria da construção civil mantém-se estagnada, impedindo que evoluamos junto com ela. A industrialização abre espaço para que possamos desenvolver com maior primor certos aspectos do projeto, no entanto, a estrutura arcaica e desorganizada da indústria da*

*construção no Brasil conforma-se como uma pedra em nosso caminho. Por esse motivo eu enfrentei muitas dificuldades ao longo de minha vida profissional. (Guimarães: 2003, 52)*

## **ENSAIOS ACERCA DA ARQUITETURA BRUTALISTA: AS OBRAS DO CENTRO ADMINISTRATIVO DA BAHIA (1971-1975)**

Após a experiência na universidade, Lelé começou a relatar algumas dificuldades de ordem profissional relacionadas ao novo regime militar instaurado, muito em virtude de sua proximidade com Oscar Niemeyer.

*Só para se ter uma ideia, quando me desliguei da universidade, eu trabalhei durante um ano numa empresa construtora, mas mesmo assim os militares não queriam deixar que a empresa me contratasse, foi difícil. Depois que pedi demissão da UnB a perseguição continuou e eu só consegui fazer um projeto em 1968, quatro anos mais tarde (Guimarães: 2003, 34)*

De fato, as coisas só começam a mudar profissionalmente para Lelé depois do projeto para o Hospital de Taguatinga (1968). Entretanto, em 1965, Lelé realiza em Brasília duas obras significativas para sua carreira: a sede da DISBRAVE (concessionária Volkswagen) e a Residência para Ministro de Estado. Muitas das soluções encontradas nestes três projetos – como a viga vierendeel da nobre residência, os conceitos de flexibilidade e novas tipologias de pré-fabricados do edifício comercial e dos solários de hospitalização em Taguatinga vão estar diretamente ligadas, de forma aperfeiçoada, na concepção do primeiro hospital da Rede Sarah em Brasília. Para Elane Peixoto:

*O início do exercício da arquitetura, como profissional liberal, representou, para Lima, uma escassez em termos de oportunidade de trabalho. Porém, essa situação modificou-se após os projetos do Hospital de Taguatinga e da Distribuidora Brasileira de Veículos, DISBRAVE, coincidindo, também, com o aquecimento do mercado de trabalho, em decorrência da política econômica de Delfin Neto, no governo Médici, anos comumente conhecidos como “milagre brasileiro” (1968-1973). Superadas as dificuldades iniciais (até o início da década de 70), no escritório da 714 Norte, Lelé coordenou uma equipe de trinta arquitetos, realizando um considerável volume de trabalho (Peixoto: 1996, 27).*

Dentre esses trabalhos estavam os prédios para o novo Centro Administrativo da Bahia, em Salvador, cuja obra se iniciou na gestão do polêmico Antônio Carlos Magalhães no Governo do Estado. ACM que atuou durante a ditadura militar e se firmou na linha de frente do nosso

populismo de direita, conduziu o governo estadual durante três mandatos quase sucessivos. Segundo Antônio Risério, foi sob seu comando que a cidade realmente se transformou. Essa obra marca o início do vínculo profissional e afetivo de Lelé com a capital baiana.

O Centro Administrativo da Bahia (CAB) teve seu plano urbanístico concebido por Lucio Costa em 1971. Naquela época, a cidade vinha apresentando um crescimento demográfico vertiginoso e as primeiras reformas urbanas de fato realizadas se concentravam na abertura das chamadas "avenidas de vale".

Em 1920, Salvador contava com cerca de 280 mil habitantes. Em 1950, se aproximou dos 400 mil. Em 1970, a cidade abrigava já cerca de 1 milhão de moradores. O processo foi rápido. Salvador, como se costuma dizer, foi inchando. E exibindo uma carência sempre maior no campo dos transportes, do saneamento básico, de água e iluminação pública, etc. O centro histórico ficou sobrecarregado e as áreas residenciais, super lotadas de gente, sem um incremento correspondente dos serviços (Risselada: 2010, 33)

A filiação corbusiana do novo centro político-administrativo do Estado emerge como uma auto legitimação de sua política progressista e desenvolvimentista, tendência que acometeria outros centros administrativos no Brasil, sobretudo aqueles concebidos pós Brasília. O modelo espacial adotado para o CAB segue à risca alguns princípios empregados na Capital Federal, como a baixa densidade populacional (71,5 funcionários/ha), edificações isoladas circundadas por grandes áreas verdes, fluxo de veículos separado de pedestres, entre outros. A desarticulação do tecido urbano tradicional de Salvador definida para o CAB responde aos anseios de um Estado que se queria moderno e que tivesse sua imagem vinculada ao arrojo arquitetônico que financiava.

As soluções dadas ao conjunto foram conduzidas pelo "Programa de Interpretação do Plano Urbanístico" que previa, dentre outras diretrizes, a implantação de edifícios com área acima dos 10.000m<sup>2</sup> em terreno bastante acidentado, favorecendo o uso de pilotis a fim de evitar grandes movimentações de terra; a extensibilidade, garantindo o crescimento linear e por pavimento nas edificações moduladas; o curto período para execução das obras, mais precisamente 18 meses; a flexibilidade das instalações além da proteção das fachadas e uso da ventilação natural.

Deste conjunto de diretrizes surgiram os primeiros prédios: as Secretarias (1973). Basicamente, o sistema estrutural dos cinco edifícios construídos para abrigar os escritórios do CAB foi baseado numa grande plataforma de concreto fundida no local, apoiadas por pilares centrais distantes entre si 16,5m, sobre a qual se apoiam nas extremidades caixas pré-moldadas de concreto compondo as fachadas longitudinais. O partido das caixas (alvéolos) é similar àquele adotado no Hospital de Taguatinga. No eixo central do edifício, pórticos apoiam as lajes transversais pré-fabricadas em concreto, as quais vencem vãos de 7,70m.



Fig. 6 – CAB Secretarias | Fonte: Módulo n. 57 (1980)

Os prédios das Secretarias possuem três pavimentos escalonados, pilotis no sistema de lajes penduradas à plataforma, garagens, oficinas, depósitos no subsolo e auditórios semi enterrados aproveitando o desnível do terreno. Concebidos como extensos salões envidraçados, os pilotis foram destinados a eventos com grande afluência de público. Toda a circulação vertical é feita através de torres externas à projeção dos edifícios, contrastando com a horizontalidade e as curvas do conjunto.

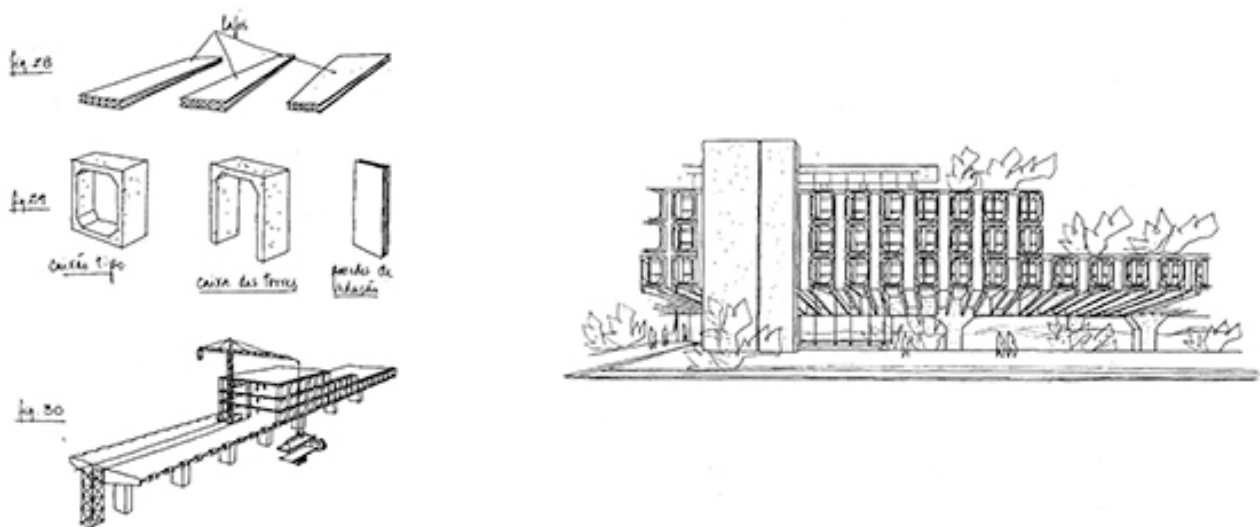


Fig. 7 – CAB Secretarias. Esquema de montagem | Fonte: Módulo n. 57 (1980)

O Centro de Exposições do CAB (1974) foi projetado para servir como marco simbólico localizado na entrada do conjunto, entretanto, segundo Lelé, [...] *para não se tornar uma construção ociosa, deveria cumprir finalidades importantes para o próprio funcionamento do centro [...]* (Latorraca: 1999, 64)

O edifício que se ergue atirantado a 5 metros do solo, preso em duas torres laterais por meio de rótulas exibe uma concepção plástica e estrutural marcada pela robustez do conjunto e pelos avanços tecnológicos empregados na obra. A grande plataforma suspensa, totalmente moldada in loco, abriga, de um lado, um auditório para 50 lugares e do outro um salão de exposições. No subsolo foram localizados os serviços, a torre de refrigeração, a subestação de energia, uma pequena recepção, a chefia, sua secretaria e os sanitários dos funcionários. Segundo Guimarães:



Fig. 8 – CAB Centro de Exposições | Fonte: Latorraca (1999)

*O Centro de Exposições é o manifesto de Lelé a favor da tecnologia, uma obra que embora recrie de maneira lúdica a imagem de uma balança numa escala grandiosa, assume também uma postura provocativa por estimular o espectador [...]. O desafio está lançado quando Lelé concebe uma arquitetura cujo valor estético é duvidoso, mas que chama a atenção pela arrogância formal e intriga pela ousadia estrutural indiscutível* (Guimarães: 2003, 102).

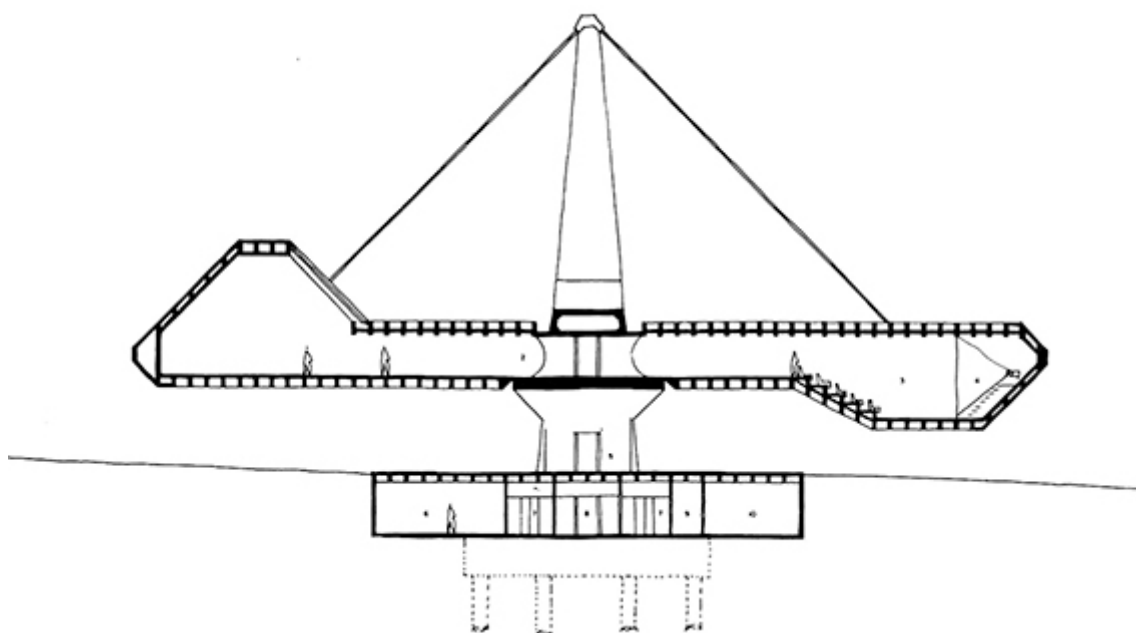


Fig. 9 – CAB Centro de Exposições. Corte | Fonte: Latorraca (1999)

No ano seguinte, Lelé produz um singelo edifício de planta circular que encerra em si, contraditoriamente, a leveza de seu movimento de cobertura aliado ao “peso” dos principais materiais que o constitui: a pedra e o concreto. Trata-se da Igreja do CAB (1975). Com esse projeto, pode-se afirmar que o brutalismo de Lelé encontra sua fase graciosa e elegante, revelado tanto pela forma do edifício, como por sua inserção na paisagem local. Trata-se de uma pequena colina onde o relevo e a vegetação tiveram papel primordial na definição do partido. Acostumado a explicar e justificar sistematicamente seus projetos por meio de desenhos elaborados e precisos, Lelé assume o caráter simbólico deste projeto ao recriar no interior da nave a sensação de elo entre o sagrado e o profano, favorecido pela cobertura em espiral ascendente, as chamadas “pétalas”. Conforme explica o autor:

*As pétalas estão dispostas segundo um helicoide ascendente. Cada pétala se eleva em relação à anterior 50cm com uma superposição de 1m. No vão de 15cm que resulta entre elas são fixados vidros do tipo solar bronze. Dessa forma, iluminação tangencial dourada incide internamente na superfície do concreto, tornando a cobertura mais leve e mais rica (Latorraca: 1999, 83)*



Os materiais empregados, por sua vez, complementam a atmosfera de austeridade e despojamento do edifício. Os pisos são executados com placas pré-moldadas de concreto em tamanhos variáveis, os muros de arrimo construídos em alvenaria de pedra fazem alusão às construções coloniais, bem como os diversos painéis em madeira treliçada reforçam a referência aos famosos muxarabis.



Fig. 10 – CAB Igreja | Fonte: Latorraca (1999)

*É lá estão os prédios de Lelé, "soltos do solo, como se estivessem flutuando sobre o relevo caprichoso", no dizer do próprio arquiteto. Prédios elegantes e alongados (e hoje tão maltratados e sujos), em que a racionalidade construtiva e a preservação ambiental aparecem de mãos dadas. Lelé projetou para o CAB, inclusive, a igreja da Ascensão do Senhor, com suas pétalas que se elevam e se abrem para a luz, em admirável diálogo com os antigos templos barrocos da Bahia. (Risselada: 2010, 34)*

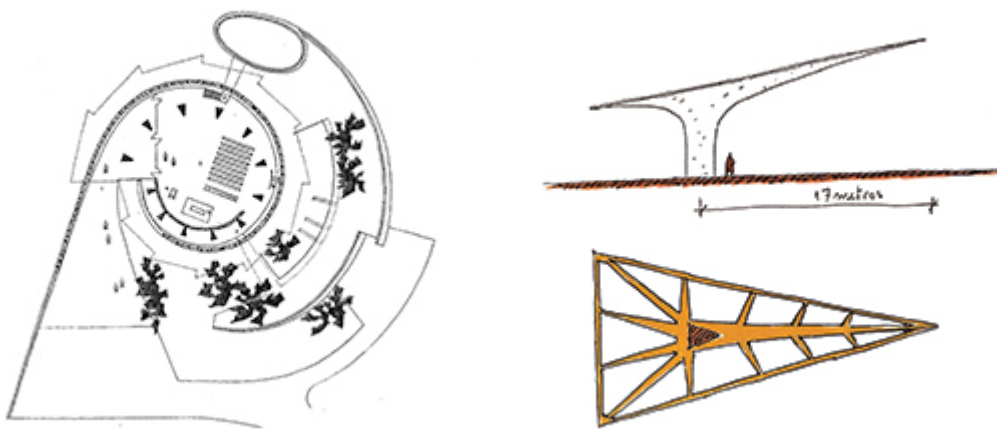


Fig. 11 – CAB Igreja. Planta (esq.) e pétalas | Fonte: Latorraca (1999)

Embora a discussão sobre este modelo de implantação dos novos centros administrativos no Brasil esteja ultrapassada, não podemos afirmar que esteja totalmente resolvida, sobretudo após a inauguração do recente Centro Administrativo de Minas Gerais (2010). O projeto de Oscar Niemeyer construído na região metropolitana de Belo Horizonte retoma a discussão sobre o assunto e invoca uma série de questões de ordem urbanística e arquitetônica.

## **BRUTALISMO AMEAÇADO: MELHORIA OU DESCARACTERIZAÇÃO?**

Temos acompanhado nos últimos anos em Brasília sucessivas reformas em prédios institucionais, sobretudo públicos, onde o mote principal é a troca do revestimento da fachada, geralmente em concreto aparente. As soluções encontradas vão desde a “simples” pintura com tintas que imitam concreto até o completo recobrimento das faces externas da edificação com chapas de alumínio termolacadas, comercialmente conhecidas como Alucobond. Os alvos geralmente são exemplares do movimento moderno construídos entre as décadas de 1960 e 1970, de filiação brutalista, escolhidos em função das péssimas condições de manutenção, tanto interna quanto externamente, com aparência final do concreto bastante degradada.

O objetivo desses projetos de reforma geralmente é atribuir nova roupagem ao velho edifício, atribuindo feições mais “modernas” com o uso de materiais como o vidro refletivo (espelhado) e o alumínio, em detrimento do concreto armado, seja ele moldado in loco ou pré-fabricado. Os resultados nem sempre são satisfatórios. O investimento aplicado nesses empreendimentos acabam ultrapassando, em muito, o valor de uma simples manutenção baseada na limpeza periódica das fachadas e conservação das instalações. O que está em jogo nesse tipo de obra é um desejo implícito de mudança, sacrificando por vezes as características originais do edifício em nome de uma pretensa renovação e superação de uma linguagem “ultrapassada”.

Apresentam-se a seguir três casos que acometem a arquitetura de Lelé em Brasília: as reformas do conjunto da concessionária DISBRAVE (1965), da sede da Portobrás, atual Dataprev (1974), e da Clínica Daher (1977).

### **DISBRAVE**

Brasília-DF, 1965-85

O conjunto da DISBRAVE representa um momento de grande apuro estético e formal na carreira de Lelé. As escolhas tomadas pelo arquiteto para corporificar o programa de necessidades de caráter industrial conduziria-o a realizar, aos 33 anos, uma de suas principais obras na cidade. Construída em 1965 no início da avenida W3 Norte, a sede da Distribuidora Brasília de Veículos destacou-se de imediato na paisagem urbana como um dos primeiros edifícios institucionais a surgir nas quadras 500. Por muitos anos, o conjunto da DISBRAVE permaneceu ali, isolado na



imensidão da Asa Norte, como um monumento no meio do cerrado circundado pelas incipientes avenidas que cruzavam a parte norte da cidade.



Fig. 12 – Conjunto da Concessionária Disbrave | Fonte: Latorraca (1999)

A diversidade dos componentes construtivos e a plasticidade de alguns elementos encontrados no projeto sugerem uma maior liberdade no repertório formal de Lelé, até então reduzido às peças isostáticas tradicionais e de grandes dimensões empregadas na Colina e nos Galpões de Serviços



Gerais da UnB. Ao ensaiar novas formas pré-moldadas e testar in loco as inúmeras possibilidades do concreto armado, Lelé inicia na DISBRAVE um período plasticamente profícuo e diversificado em sua arquitetura, permeado por obras de grande significado em sua trajetória profissional.

Construída em três momentos distintos ao longo de 20 anos, o projeto para a sede da concessionária desde cedo precisou se adaptar às inúmeras modificações programáticas às quais lhe foram impostas. Até os anos 1980, as alterações realizadas contaram com a participação direta do arquiteto João Filgueiras Lima. Nos últimos cinco anos, o nível de agressão ao conjunto

Fig. 13 – Disbrave. Acréscimos | Fonte: autor (2013)

vem se intensificando numa sequência de acréscimos e supressões, no mínimo desastrosas e antiéticas por parte dos profissionais envolvidos.

Dentre as mais recentes, destacam-se a demolição da marquise de ligação do bloco Administrativo ao posto de abastecimento, o fechamento do mezanino do antigo hall de exposições de pé-direito duplo, que contava com um relevo em concreto de Athos Bulcão, e a retirada (demolição) do painel de azulejos sob a cobertura do posto, do mesmo artista.

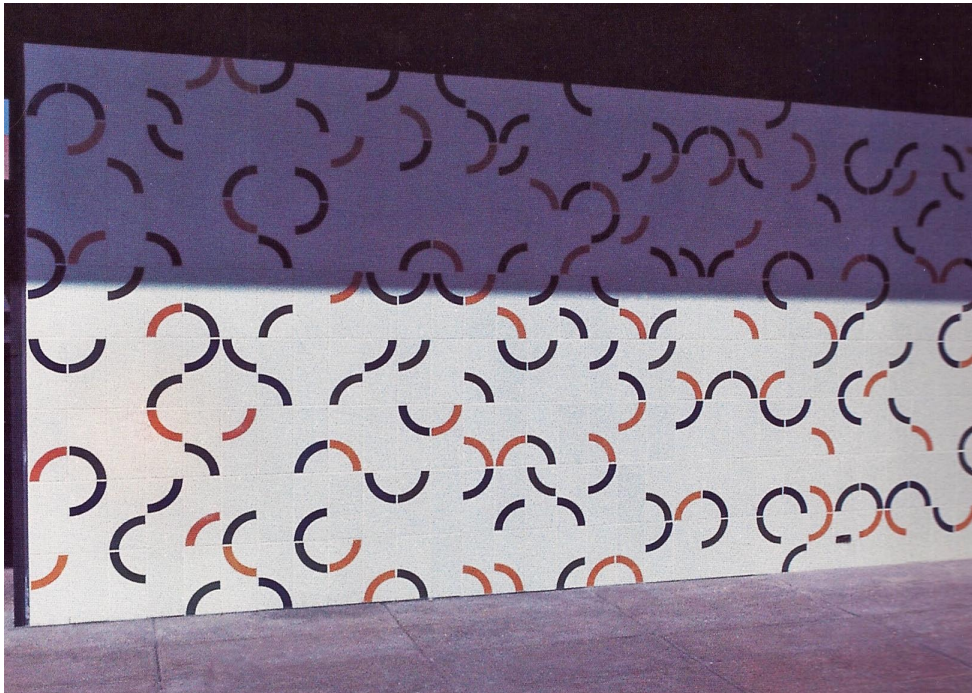


Fig. 14 – Disbrave. Painel de azulejos demolido | Athos Bulcão | Fonte: Valéria Cabral (2009)



Fig. 15 – Disbrave. Relevo em concreto | Athos Bulcão | Fonte: Valéria Cabral (2009)





Fig. 16 – Disbrave. Pilar metálico (perfil I) imitando concreto | Fonte: arquivo do autor (2013)

Basicamente, a composição do conjunto está dividida em dois volumes: um bloco de oficinas, horizontal e mais baixo, implantado longitudinalmente no terreno acompanhando a topografia do local; e uma torre de escritórios de planta quadrada, com cinco pavimentos, abrigando as funções administrativas, vendas e habitações. Estas últimas foram reunidas no 1º pavimento e dotadas de acesso independente realizado através de uma torre de escada externa. O primeiro acréscimo se deu em 1975, quando a torre foi demolida para dar lugar às novas instalações do plano de ampliação das oficinas.

Em 1985, Lelé realizou sua última intervenção no conjunto da DISBRAVE. O acréscimo de uma marquise pré-moldada na empena lateral do prédio permitiria a transferência do acesso principal da oficina e do atendimento rápido para a área externa do edifício, otimizando assim a triagem dos serviços e a recepção de veículos. Segundo o arquiteto:

*A estrutura constitui-se de peças pré-fabricadas de argamassa armada com 30cm de largura e 6m de comprimento, com peso inferior a 200Kg, engastadas em viga tubular de concreto fundida no local. Esta, por sua vez, se engasta em pilares de concreto a cada 5m, dispostos*

*ao longo da empena. Trechos de lajes também fundidos no local estabelecem a ligação entre a nova estrutura e a alvenaria existente nos vãos correspondentes ao portão de acesso e ao local destinado à lavagem de peças. A maior parte das águas pluviais é conectada a tubos no interior dos pilares (Latorraca: 1999, 45).*

## **EDIFÍCIO PORTOBRÁS**

Brasília-DF, 1974

Projetado para abrigar a sede do antigo Departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis (DNPVN), órgão extinto em 1974 para dar lugar à Empresa de Portos do Brasil S/A (Portobrás), o prédio hoje abriga as instalações da Dataprev, Empresa de Tecnologia e Informações da Previdência Social do Brasil.

Localizado no Setor de Autarquias Sul (SAS), o conjunto é constituído por dois blocos. O bloco vertical, chamado de principal, com pilotis e 10 pavimentos e o bloco anexo, assentado no solo e com 4 pavimentos escalonados. Ambos possuem subsolo, sendo que, no caso do bloco principal, este se configura como um auditório para 180 lugares. Uma ligação coberta comunica a sobreloja do bloco principal com o 2º andar do bloco anexo, onde está localizado o serviço médico da empresa.



Fig. 17 – Ed. Portobrás. Bloco principal e anexo | Fonte: Latorraca (1999)

Segundo Lelé, foi adotado um sistema de sheds que garante iluminação zenital em todos os ambientes, permitindo total flexibilidade na disposição das paredes divisórias. Esse quesito foi inclusive responsável pela definição do partido arquitetônico do bloco principal, onde se pretendeu:

*Separar as áreas destinadas a escritórios da circulação vertical, serviços comuns e sanitários coletivos, localizando-os em um dos extremos do prédio. Criam-se assim áreas inteiramente livres na zona de ocupação dos escritórios, favorecendo a organização dos espaços internos quer em salões como em ambientes menores (Latorraca: 1999, 73).*

A robusta estrutura de concreto se baseia num esquema em que as lajes dos pavimentos do bloco principal, suportadas por vigas de 50 cm de altura a cada 1 e 2 metros alternadamente, se apoiam em pilares da fachada. Estes, por sua vez, descarregam em duas vigas de transição de cargas, cuja altura corresponde ao pé-direito da biblioteca, localizada no 1º pavimento. A torre de circulação vertical, onde se concentram os banheiros, copas, elevadores e escadas, corresponde à parte sem aberturas externas para as maiores fachadas, funciona como apoio e elemento de contraventamento do conjunto.

Diferentemente dos demais prédios localizados nesta parte da cidade, o edifício da Portobrás possui uma relação diferente com o pedestre, seja ele visitante ou funcionário. O fato de liberar o solo na projeção do bloco principal, recuar o anexo em relação ao limite da via pública e criar um terraço jardim na parte externa da sobreloja já o coloca em posição de destaque em relação aos seus vizinhos. Hoje, o Setor de Autarquias Sul, assim como toda Zona Central do Plano Piloto, vive uma guerra diária em torno do problema da falta de estacionamento público.



Fig. 18 – Ed. Portobrás. Bloco principal atualmente | Fonte: arquivo do autor (2013)



Sem adentrar na discussão em torno das deficiências do transporte de massa em Brasília e suas consequências nefastas para a circulação na cidade, a intenção de Lelé foi aqui foi "liberar um espaço amplo, com pé direito duplo no pavimento térreo, integrando-o às áreas de estacionamento e jardins públicos. Essa solução favorece o plano urbanístico do conjunto e dá ao prédio a importância e a dignidade que o programa impõe" (Latorraca: 1999, 73).

As obras de reforma do edifício, em curso há mais de dois anos, foram divididas em duas etapas: parte externa e parte interna. Antes de mesmo de serem concluídas, seu estágio atual já apresenta resultado desastroso: o recobrimento completo de todo o concreto aparente da fachada e remoção dos brises. As fachadas norte e sul (longitudinais) do bloco principal, o pilotis e todo o bloco anexo foram recobertos por placa de basalto acinzentada fixadas por meio de "inserts" metálicos. As fachadas leste e oeste (empenas cegas) foram revestidas por placas de alumínio (Alucobond) em um tom de cinza mais claro.

Dentre outras providências programadas para a referida obra estão: a demolição da rampa de acesso principal, a construção de uma escada externa junto à empena oeste conectando todos os pavimentos do bloco principal (11 andares), a remoção dos jardins no terraço descoberto e a substituição dos brises por vidros refletivos (já concluído).



Fig. 19 – Ed. Portobrás. Interior de um pavimento tipo | Fonte: arquivo do autor (2013)



Fig. 20 – Ed. Portobrás. Fixação do basalto tipo “insert” | Fonte: arquivo do autor (2013)

## **CLÍNICA DAHER**

Brasília-DF, 1974

O contato de Lelé com projetos hospitalares se inicia antes mesmo de 1967, data em que realiza o Hospital Regional de Taguatinga (HRT). Quatro anos antes, o arquiteto já havia trabalhado como consultor da então Fundação Hospitalar do Distrito Federal. A partir daí, o convívio com os médicos se intensificou, sobretudo após conhecer o Dr. Aloysio Campos da Paz, responsável pela implantação de novas práticas de tratamento e acompanhamento médico em alguns hospitais.

Deste contato com o Dr. Campos da Paz surge o primeiro trabalho de Lelé para a então Associação das Pioneiras Sociais: o Sarah Brasília. Em meados dos anos 1970, a APS, hoje Fundação, decidiu fazer uma grande ampliação do conjunto, ocupando quase toda a quadra no Setor Médico-Hospitalar Sul (SMHS), Centro de Brasília.

O novo prédio, que começou a ser projetado em meados de 1976, é resultado da interpretação de Lelé de algumas diretrizes que o arquiteto havia considerado quando da elaboração do projeto para o HRT. Nesse sentido, pode-se destacar, por exemplo, a flexibilidade e extensibilidade da construção, a criação de espaços verdes, a flexibilidade das instalações, iluminação natural e conforto térmico dos ambientes e a padronização dos elementos da construção.

No ano seguinte, em 1977, Lelé inicia o projeto de uma clínica para o médico cirurgião plástico José Carlos Daher no Lago Sul, em Brasília. A clínica Daher, hoje hospital Daher, foi desenvolvida

a partir da lógica construtiva e estética da ampliação futura de suas instalações, tendo como referência de concepção as experiências anteriores de seu autor no ramo dos hospitais.



Fig. 21 – Clínica Daher. Fachada 1ª etapa | Fonte: Latorraca (1999)

A primeira etapa do projeto, tal qual fora construído em 1978, apresentava um bloco térreo, todo em concreto, acompanhando o caimento do terreno em direção à frente do lote, onde terminava com dois pavimentos. Mais tarde, ainda nos anos 1980, o edifício recebeu um acréscimo em conformidade com a previsão de Lelé para a etapa seguinte.

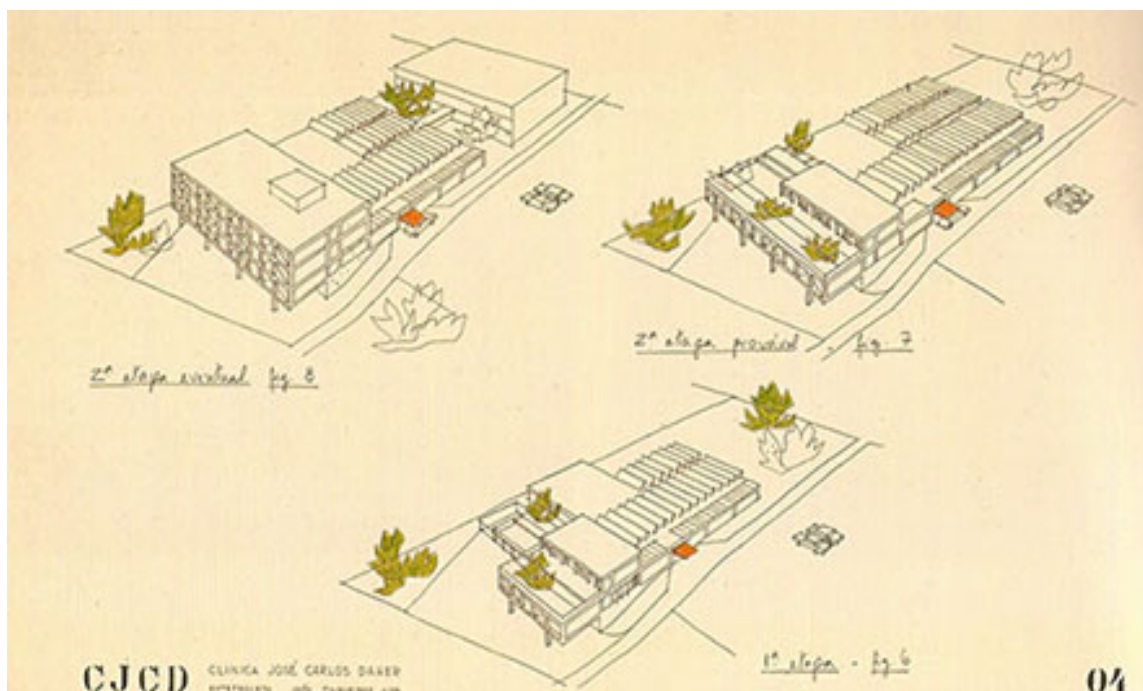


Fig. 22 – Clínica Daher. Projeto de expansão | Fonte: Latorraca (1999)



A simplicidade do conjunto aliado à riqueza espacial da antiga clínica Daher ao mesmo tempo em que servia como teste para muitas soluções técnicas previstas no projeto para a ampliação do Hospital Sarah de Brasília, constituía-se em uma oportunidade para aperfeiçoar o que havia dado errado na experiência anterior, ou seja, no Hospital de Taguatinga.

Nesse sentido, percebe-se um desenvolvimento de algumas elementos pré-fabricados empregados com a mesma finalidade nos dois projetos, como no caso do sistema integrado entre vigas calhas e sheds de cobertura, onde Lelé abandona a solução dos sheds pré-moldados em fiber-glass e passa a adotar a peça em ferro cimento no Sarah Brasília. Os terraços ajardinados também foram aprimorados nos projetos hospitalares subsequentes, os chamados solários de recuperação.

No entanto, os sucessivos acréscimos da clínica não tardaram a abandonar por completo as diretrizes de expansão sugeridas por seu autor. Não fosse pela fachada modulada dos apartamentos (leitos) com os tirantes de aço pelo lado externo, pode-se dizer, sem exageros, que não há mais como reconhecer nessa obra os traços do arquiteto Lelé, tamanha alteração.



Fig. 23 – Clínica Daher. Atual fachada dos apartamentos | Fonte: arquivo do autor (2013)

O que se tem hoje no local é praticamente um outro edifício com resquícios do projeto original. Entre demolições, aterramento de jardins, fechamentos e acréscimos de novos pavimentos em estrutura de aço sobre o prédio anterior, planeja-se ainda um crescimento em direção ao lote vizinho, recentemente adquirido pelo Hospital Daher. Resta-nos observar a tudo com pesar e com

a sensação de oportunidade perdida de uma expansão que se faria coerente, em um prédio de funcionamento dinâmico e fruto de muita reflexão sobre um ambiente hospitalar mais humanizado.



Fig. 24 – Clínica Daher. Atual fachada para o estacionamento | Fonte: arquivo do autor (2013)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da década de 1970, João Filgueiras Lima já havia estabelecido um método de trabalho, mais por necessidade do que vocação, baseado na experimentação de novas soluções e tecnologias ligadas à construção. Motivado por um inconformismo face à precariedade dos meios de produção, Lelé se propõe a rever questões que vão desde a organização do canteiro até a adoção de sistemas construtivos convencionais.

Certo de que o papel do arquiteto não se restringe ao isolamento da prancheta, Lelé adquire logo cedo a consciência de que o único meio de modificar o processo construtivo à época seria alterando sua cadeia de produção. Assim, como nos lembra Ana Luiza Nobre, no esforço de aproximar prancheta, fábrica e canteiro, Lelé converte as circunstâncias em motor da técnica.

Dentro de um contexto nacional em que a geração de arquitetos marcada pelo nascimento de Brasília vive momentos de extremo otimismo e se engaja na construção de um novo país, a pré-fabricação surge como resposta aos métodos tradicionais e dispendiosos da construção civil e ao grande déficit habitacional do Brasil nos anos 1960.

Com a implementação dessa nova tecnologia, muitos arquitetos, como Acácio Gil Borsoi, Paulo Mendes da Rocha, Sérgio Bernardes, Oscar Niemeyer, etc; passam a propor soluções para a produção em massa no país sem contudo se comprometer com a continuidade das pesquisas de aperfeiçoamento como o faz Lelé até os dias atuais.

Se por um lado o uso do concreto armado em sua versão brutalista, explorado através do uso ostensivo de grandes peças pré-moldadas, se aperfeiçoa enquanto linguagem em obras significativas do início de carreira de Lelé (da Colina, em 1961, ao Hospital Sarah Brasília, de 1976), por outro demonstra que seu abandono gradual se deu em função do aperfeiçoamento e do advindo da argamassa armada enquanto solução para a redução do peso e das dimensões dessas peças, rumo ao que mais tarde, nos anos 1990, culminaria com a adoção do aço como material prioritário na carreira do arquiteto.

Talvez a grande contribuição de Lelé resida em seu próprio espírito resiliente, onde, diante da precariedade dos meios e urgência das soluções, seu alto grau de inconformismo se revela estopim para a mudança, sobretudo quando procura associar industrialização, racionalização e humanismo em torno de seus projetos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cabral, Valéria (organizadora). **Athos Bulcão**. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 2009.

Guimarães, Ana Gabriella Lima. **João Filgueiras Lima: o último dos modernistas**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, EESC/USP, 2003.

Kim, Lina; Wesely, Michael. **Arquivo Brasília**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Koury, Ana Paula. **Grupo Arquitetura Nova: Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro**. São Paulo: Romano Guerra: EdUSP: FAPESP, 2003.

Latorraca, Giancarlo [org.]. **João Filgueiras Lima, Lelé**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi / Lisboa: Editorial Blau, 1999.

Lima, João Filgueiras. **João Filgueiras Lima arquiteto: pensamento e obra**. Rio de Janeiro, Módulo, n. 57, fev. 1980.

Menezes, Cynara. **O que é ser arquiteto: memórias profissionais de Lelé (João Filgueiras Lima)**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Peixoto, Elane Ribeiro. **Lelé, o arquiteto João da Gama Filgueiras Lima**. São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAU/USP, 1996.

Revista Módulo. **Especial Brasília 26 anos**. Rio de Janeiro: Avenir, n. 89/90, jan/fev/mar/abr. 1986.

Risselada, Max; Latorraca, Giancarlo [org.]. **A arquitetura de Lelé: fábrica e invenção**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Museu da Casa Brasileira, 2010.

Vilela, Adalberto. **A casa na obra de João Filgueiras Lima, Lelé**. Brasília: Dissertação de Mestrado, FAU/UnB, 2011.